

## Resenha



### A farsa neoliberal

MOREIRA, Eduardo. **Economia do desejo: a farsa da tese neoliberal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. 94p.

*Carlos Stavizki Junior*

Em meio à maior crise sanitária e econômica do século XXI, causada pela pandemia do vírus SARS-CoV-2, com seus reflexos na vida, no trabalho e nas relações entre as pessoas, o poder público e a economia, Eduardo Moreira traduz, de forma simples e contemporânea, as contradições da tese neoliberal e evidencia a lógica destrutiva e ancestral da sociedade moderna: a economia do desejo.

Em seu novo livro, o engenheiro que se tornou uma referência nacional no campo da economia, utiliza sua experiência de mais de 20 anos no mercado financeiro para expor a face predatória do capitalismo moderno. Longe de ser um teórico, Moreira utiliza de suas experiências, tanto no mundo das finanças, quanto nas lutas sociais no campo progressista, para traduzir conceitos complexos ao maior número de pessoas possível, tendo a informação como objetivo principal. Nesta caminhada, o autor apresenta em “A economia do desejo” uma análise empírica sobre como a sociedade capitalista se estrutura na promoção de desejos momentâneos e infinitos das pessoas, distanciando-se, cada vez mais, de uma economia baseada nas necessidades básicas da humanidade.

O livro está estruturado em cinco capítulos e conta com o prefácio de Frei Betto e posfácio de Luiz Gonzaga Belluzzo. Os capítulos remontam ao raciocínio e às ideias que fizeram Moreira utilizar o conceito de “economia do desejo”, explorando as

pesquisas do autor em diferentes áreas do conhecimento e da vida humana. As religiões, por exemplo, são trazidas constantemente ao longo do livro, como forma de contrapor os caminhos que a sociedade seguiu ao aderir à economia do desejo, abdicando de formas de organização social baseadas na economia da necessidade. Este contraponto entre os dois tipos de “economias” pode ser classificado como o pilar discursivo do livro, acrescido da proposta de superar a lógica neoliberal de organização da sociedade.

Os primeiros parágrafos da introdução são dedicados à reprodução, na íntegra, de uma passagem do livro *Principles of Economics*, de Alfred Marshall (1842-1924), considerado um dos economistas mais influentes da história. Eduardo Moreira utiliza especialmente o trecho em que Marshall defende que o progresso capitalista trouxe melhoras significativas na vida dos trabalhadores, sugerindo haver a possibilidade de um mundo com chances justas para todos terem uma vida digna. Moreira, porém, argumenta que, apesar dos avanços produtivos e melhora em alguns aspectos da vida dos trabalhadores, o capitalismo é, hoje, o maior responsável pela concentração de recursos do planeta, o que impede a criação de uma sociedade na qual “todos possam começar a vida no mundo com uma chance justa de ter uma vida com cultura, livre das dores da pobreza e das influências nocivas dos trabalhos braçais.” (MARSHALL, 2013, p. 9 *apud* MOREIRA, 2020, p. 16, tradução livre do autor).

No primeiro capítulo, intitulado “a lógica capitalista”, Moreira apresenta uma breve síntese sobre como o sistema capitalista é pensado, com base nos conceitos de lucro, demanda, utilidade marginal, mercado e competição. Em poucas páginas explica-se a lógica que faz a ideia de “livre mercado” ser aceita – pelos neoliberais – como o único mecanismo capaz de gerar riqueza e distribuí-la de forma justa, com base na competição e na maximização da utilidade das pessoas. Contudo, o autor mostra que as justificativas deste mecanismo são frágeis e não conseguem se reproduzir no mundo real. A própria relação entre qualidade de vida, produção de riqueza e liberdade econômica, que os neoliberais acreditam vir de um Estado mínimo, da não interferência do Estado nos mercados, na realidade se mostra como uma mentira repetida mil vezes. Para justificar seu ponto, Moreira analisa criticamente o *Index of Economic Freedom*, índice utilizado para avaliar os países e seu grau de liberdade econômica. Ao evidenciar as fragilidades deste índice, baseado em alguns poucos indicadores, percebe-se que os países melhor ranqueados são, na verdade, aqueles que possuíam um Estado forte e democrático, com investimento em políticas públicas e papel fundamental na distribuição de renda do país.

Em suma, o primeiro capítulo enfatiza a incoerência da ideia de “livre mercado”, entendendo que na maioria das experiências bem-sucedidas do capitalismo, o Estado foi e é fundamental para a regulação das relações de produção e acúmulo de riqueza. Justificando sua crítica, o autor discute o conceito de monopólio e utiliza exemplos para mostrar como um mercado sem regulação, a longo prazo, tende a favorecer o monopólio e, conseqüentemente, a concentração de recursos. Neste

sentido, a internet – e, mais especificamente, as redes sociais – simbolizam bem a ideia de que, em um sistema econômico sem regulação, as empresas pequenas ficam submetidas às grandes, configurando-se rapidamente um monopólio. Este efeito, que por vezes é encorajado pela tese neoliberal, traz consigo não apenas o poder econômico, mas também o poder político. Este fato se comprova no exemplo do agronegócio brasileiro, o qual, possuindo um poder econômico fortíssimo, controla mais da metade dos 512 representantes do poder legislativo, apesar de representar uma fração de 0,02% da população brasileira.

No segundo capítulo, intitulado “a economia do desejo”, o autor retoma algumas afirmações de Alfred Marshall para diferenciar desejo e necessidade, de forma a mostrar ao leitor que o capitalismo moderno maximiza a importância dos desejos das pessoas, em detrimento de suas necessidades. Tendo isto como certo, Moreira passa a argumentar com uma série de pensamentos, filosofias e mandamentos sagrados que enfatizam o risco espiritual de se sucumbir aos desejos humanos. Do Alcorão à Bíblia Sagrada, de ensinamentos budistas à filosofia de São Francisco de Assis, o autor traz que, em todas as grandes religiões do mundo, a ideia de abdicar de seus desejos é aconselhada e, em algumas, constitui mesmo um pré-requisito para uma vida em harmonia com Deus. Ao trazer diversas passagens bíblicas que reforçam a ideia de abdicar dos desejos, o autor justifica que o desejo não deve guiar a economia e que uma economia baseada nas necessidades humanas evitaria grande parte dos conflitos e problemas de nossa sociedade e permitiria aos seres humanos uma existência em harmonia com a natureza e com os outros.

No terceiro capítulo – “o Estado e a economia da necessidade” – temos uma interpretação particular do autor sobre o Estado como sendo uma instituição criada pelos seres humanos para representar um grupo. Moreira redefine o papel do Estado, apresentando-o como uma organização que, com suas regras e estrutura, representaria os interesses de um grupo específico, o qual chamamos de povo. Apesar do povo se subdividir em inúmeras camadas, ideais e filosofias, o Estado seria a única instituição que um grupo grande (como a população de um país) poderia chamar de “nosso”. Para Moreira, tudo que está fora do Estado convive com apenas dois objetivos: conquistar e se defender. Para advogar esta ideia, o autor se utiliza de exemplos de mercados paralelos, como o comércio de drogas, por exemplo. Por estar “fora” das regras do Estado e baseado exclusivamente no desejo das pessoas, o narcotráfico é hoje uma das atividades econômicas mais rentáveis do mundo e um símbolo ideal para a economia do desejo.

Em contrapartida, o Estado dita as regras entre as duas formas de economia (desejo vs. necessidade), intervindo não em prol da superação de um pelo outro, mas do convívio harmoniosos entre ambos. Esta é a ideia-chave do terceiro capítulo, em que o leitor é levado a ver o Estado como uma ideia e não como um indivíduo, como costuma ser definido. O Estado não adquire, não acumula e não deseja nada, apenas define para onde vai a riqueza produzida pelo grupo e decide, através de seus representantes, quanto dos recursos irá para o atendimento das necessidades da

população e quanto irá para a satisfação dos desejos da classe dominante. Ao decidir para onde irão os recursos produzidos pela sociedade, o Estado possui três alternativas: distribuir a riqueza igualmente, distribuir a riqueza desproporcionalmente ou distribuir a riqueza deixando um legado. Este último é a proposta defendida por Moreira, pois, desta forma, o Estado distribui a riqueza do país através da promoção de educação, cultura, equipamentos de saúde, tecnologias, obras etc. Em suma, a ideia de legado do autor se traduz na transferência de renda através do trabalho, fazendo que investimentos estatais distribuam a riqueza e deixem um legado para o futuro. Em tese, esta seria uma economia baseada nas necessidades, promovendo o trabalho e fornecendo as estruturas que garantiriam o desenvolvimento do grupo. O Estado não deve agir como uma empresa, visando o lucro, pois ele não precisa de lucro, mas como um distribuidor de riquezas e um fomentador da economia da necessidade.

A quarta parte do livro traz o debate sobre “a economia do ódio”, termo que dá nome ao capítulo. Sinteticamente, para Moreira, o ódio é a face cruel do desejo, e uma economia do ódio está mais relacionada à forma de se defender a economia do desejo. O ódio, por ser um sentimento capaz de unir pessoas, é utilizado hoje como instrumento de poder político e direcionado, inescrupulosamente, para promover uma economia excludente e cada vez mais distante das necessidades humanas. O autor justifica seu ponto com exemplos pessoais e históricos, evidenciando o poder das ideologias políticas e, mais recentemente, das redes sociais da internet. Desde o século XIX, o ódio é utilizado politicamente e, paralelamente, é empregado para fomentar uma economia que segrega ao invés de incluir. Moreira traz o exemplo da campanha da reforma da previdência brasileira, de 2019. Lembra que as campanhas, que destacavam as altas aposentadorias de políticos e juizes, foram utilizadas incessantemente para justificar a necessidade da reforma da previdência, levando a que grande parte dos trabalhadores apoiasse a medida. A estratégia de alimentar o ódio levou a que não se percebessem os prejuízos desta reforma para o povo pobre do país, ou que esta percepção fosse insuficiente para impedir sua aprovação. Logo, a economia do ódio é uma forma aprimorada da economia do desejo, a qual incentiva o ódio das massas contra as suas próprias necessidades.

O último capítulo traz uma conclusão baseada na ideia de “paz e guerra” permanente entre a economia do desejo e da necessidade. Trazendo exemplos didáticos sobre a possibilidade de se ter estruturas que organizem a sociedade com base nas necessidades das pessoas, o autor lamenta que a disputa entre os dois mundos nunca cessará. De forma metafórica, relaciona esta impossibilidade ao ato de Adão e Eva, que comeram o fruto proibido, no Jardim do Éden, para assim tentarem ser como Deus. A busca incansável da humanidade em saciar seus desejos é sentida em todos os lugares e, sem o devido controle, este desejo tende a destruir o que resta de bom na humanidade.

O final do livro apresenta duas experiências inspiradoras de comunidades nas quais a economia da necessidade é praticada e, na medida do possível, os desejos são

controlados. A primeira se refere a uma cooperativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na qual funciona uma agroindústria de leite e derivados. Nesta experiência, os trabalhadores que começaram com acampamentos de lona improvisados, desfrutam hoje de uma comunidade sólida, com moradia digna e infraestrutura básica para todos os moradores. Estruturada na atenção às necessidades do grupo, a cooperativa faz a gestão dos recursos de forma a beneficiar a todos e, ainda assim, é possível que os desejos sejam expressos e conquistados, como lares confortáveis, carro na garagem etc. A segunda experiência é, na verdade, um conceito: *Community Wealth Building*, que vem ganhando força na Europa. A ideia é a criação de uma economia comunitária, na qual os recursos de uma comunidade são utilizados essencialmente para as necessidades de todos os seus membros e a ação empresarial tem como norte a preservação ambiental, empregos e salários dignos e justiça social. O objetivo principal é evitar que a riqueza produzida pelo grupo seja transferida para os mais ricos ou que saia da própria comunidade.

A obra de Eduardo Moreira instiga e inspira, de forma objetiva, a pensarmos em novas formas de economia e a abandonarmos definitivamente os mitos neoliberais que trouxeram a humanidade a este estado de calamidade social em que vivemos. Assim como o capitalismo impulsionou o desenvolvimento produtivo e possibilitou o avanço das tecnologias, hoje ele se torna um entrave para o desenvolvimento humano e um risco para o próprio planeta. A farsa neoliberal se sustenta ao alimentar os desejos humanos e ao reproduzir a falsa ideia de que eles podem ser satisfeitos, mesmo sabendo-se que isto é impossível. A busca do lucro e o acúmulo de riquezas por parte de uma fração muito pequena da sociedade criaram um abismo que impede a humanidade de dar o seu próximo salto. A farsa neoliberal, de que se pode ter tudo o que se quer, se trabalhar para isso, não se justifica mais. Mesmo os raros exemplos de pessoas humildes que conquistaram fortunas são incapazes de esconder a desigualdade social do planeta.

“Economia do desejo” não tem a pretensão de ser um aporte teórico da economia, para que acadêmicos discutam seus princípios e conceitos. Antes, este livro é um convite para uma nova sociedade e, mais especialmente, para uma nova economia. As ligações e os exemplos que o autor utiliza para expressar suas ideias são coerentes com o público que almeja alcançar: os humildes. Traduzir os conceitos de economia, tão obscuros em seus cálculos e teoremas, não é tarefa simples. Mas, Moreira o consegue. Neste livro vemos o esforço do autor em instrumentalizar as pessoas o máximo na difícil tarefa de planejar nosso futuro. Uma leitura necessária em tempos de desesperança.

*Carlos Stavizki Junior*

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional / Universidade de Santa Cruz do Sul

Rua Venezuela, 764 – Bom Fim

96830-120 Santa Cruz do Sul/RS, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3358-3380>

E-mail: [carlos\\_stavizki@hotmail.com](mailto:carlos_stavizki@hotmail.com)